ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: EXPERIÊNCIAS NO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA ESTADUAL REITOR EDVALDO DO Ó

Elys Marina Alves da Silva [1]
Jamylle Maria Silva de Figueiredo [2]
Gilmara de Melo Ferreira Alves [3]

INTRODUÇÃO

Uma educação antirracista começa com o reconhecimento de que o racismo também está presente no ambiente escolar e aparece em ações, falas e representações que desvalorizam a população negra. A escola então tem um papel importante na valorização da história, da cultura, da identidade negra e também no combate às desigualdades raciais. A Lei nº 10.639/2003 representa um importante marco nesse processo ao tornar obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica. Porém, sua aplicação exige mais do que a inclusão de novos conteúdos, é necessário ainda repensar as práticas e as formas de trabalhar as relações étnico-raciais no cotidiano escolar.

Nilma Lino Gomes (2012) destaca a importância de promover mudanças na cultura, na política e no currículo escolar para romper com o silêncio em torno das questões raciais. Munanga (2005) aponta a importância da educação para questionar e desconstruir ideias de superioridade e inferioridade entre os diferentes grupos humanos. A partir dessas contribuições, entendemos que práticas pedagógicas que valorizem diferentes conhecimentos e formas de expressão podem contribuir para a construção de uma educação antirracista.

É nesse contexto que este trabalho apresenta práticas pedagógicas desenvolvidas em alusão ao Dia da Consciência Negra, em 2025, na Escola Estadual de Ensino

[1] Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, elys.alves@aluno.uepb.edu.br;
[2] Graduanda do Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Jamylle.figueiredo@aluno.uepb.edu.br;
[3] Professora Orientadora - Doutora em Ciências Sociais PPGCS/ UFCG e Supervisora PIBID/ CAPES/UEPB/ SEE-PB - gilmaraferreira79@gmail.com

ISSN: 2358-8829

Fundamental e Médio Reitor Edvaldo do Ó (REO), em Campina Grande/PB. O objetivo central é descrever e analisar essas práticas, destacando sua importância para o fortalecimento de uma educação antirracista no Ensino Médio. As atividades articularam diferentes linguagens e experiências, favorecendo a participação dos estudantes e ampliando as possibilidades de discussão sobre identidade, cultura e relações étnico-raciais.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa-ação e a observação participante. As experiências foram acompanhadas pelas estagiárias do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com registros em diário de campo, fotografias e produções dos estudantes. A análise foi fundamentada principalmente nas contribuições de Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga e Ana Célia da Silva.

As atividades analisadas envolveram diferentes formas de expressão e participação dos estudantes, possibilitando discussões sobre identidade, estética, cultura e relações étnico-raciais. Entre os principais resultados, destacam-se a valorização da identidade e da estética negra, a aproximação entre os conhecimentos escolares e os saberes relacionados às tranças e à ancestralidade, além do contato com o rap e o *slam*[4] como formas de expressão cultural e social. A experiência também mostrou desafios relacionados à discussão da identidade racial no ambiente escolar.

A partir desses resultados, o trabalho discute como essas práticas podem contribuir para o desenvolvimento de uma educação antirracista e aponta a necessidade de que as discussões sobre relações étnico-raciais não fiquem restritas às atividades realizadas em torno do 20 de novembro, mas estejam presentes de forma contínua no cotidiano escolar. Dessa maneira, a experiência contribui tanto para a reflexão sobre práticas pedagógicas antirracistas quanto para a formação docente proporcionada pelo PIBID.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

[4] *Slam* é uma manifestação cultural baseada em batalhas de poesia falada, nas quais participantes apresentam textos autorais diante do público e são avaliados de acordo com critérios definidos pela própria dinâmica da competição.

ISSN: 2358-8829

O objetivo central deste trabalho é descrever e analisar as práticas pedagógicas realizadas em alusão ao Dia da Consciência Negra, em 2025, na EEEFM Reitor Edvaldo do Ó, evidenciando sua importância como estratégias educativas para o fortalecimento de uma educação antirracista no Ensino Médio.

Para tanto, optamos por uma pesquisa-ação qualitativa, por ser uma abordagem que permite uma relação próxima entre teoria e prática, possibilitando a participação e a intervenção no ambiente escolar. Os dados foram coletados por meio da observação participante, enquanto estagiárias do PIBID do curso de Licenciatura em Sociologia da UEPB. Nesse processo, participamos da organização e da realização das atividades que compuseram o evento.

Como instrumentos de registro, utilizamos um diário de campo e registros fotográficos. Também foram consideradas as produções realizadas pelos estudantes durante as atividades, como cartazes e desenhos. Esses materiais foram utilizados para organizar e analisar as experiências vivenciadas durante a intervenção pedagógica.

O estudo foi realizado com estudantes do Ensino Médio do turno manhã, a partir da organização de atividades pedagógicas alusivas ao Dia da Consciência Negra (20 de novembro), período dedicado ao fortalecimento das discussões sobre as relações étnico-raciais e à aplicação da Lei 10.639/2003 no ambiente escolar.

Para fundamentar a análise das experiências, utilizamos as contribuições de Nilma Lino Gomes e Kabengele Munanga, que discutem o enfrentamento do racismo e a valorização da identidade negra no sistema educacional brasileiro. Segundo Nilma Lino Gomes:

> Esse é o papel da discussão sobre cultura negra na educação: ressignificar e construir representações positivas sobre o negro, sua história, sua cultura, sua corporeidade e sua estética. (Gomes, 2003, p. 81).

Munanga (2005), por sua vez, destaca a importância da educação para questionar e desconstruir ideias de superioridade e inferioridade entre os diferentes grupos humanos:

> [...] cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (Munanga, 2005, p. 17).

ISSN: 2358-8829

As atividades foram organizadas com diferentes formas de expressão e participação, buscando criar espaços de diálogo sobre as relações raciais no ambiente escolar. Entre elas, foram realizadas o Desfile da Beleza Negra, o relato de experiência de uma estudante trancista e a participação de um grupo de rap convidado, que apresentou aos estudantes as batalhas de *slam*.

A análise das atividades buscou compreender como essas diferentes experiências poderiam contribuir para a valorização da identidade negra, da cultura afro-brasileira e para a discussão sobre o racismo no ambiente escolar. Os resultados e as discussões produzidos a partir dessas experiências são apresentados nas categorias analíticas desenvolvidas na seção seguinte.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar em uma educação antirracista implica reconhecer que o racismo não se limita às relações sociais mais amplas, mas também está presente no cotidiano escolar, por meio de gestos, palavras e valores. Historicamente, a escola contribuiu para a invisibilização da história, da cultura e das contribuições da população negra para a formação da sociedade brasileira, favorecendo um modelo de ensino baseado em referências eurocêntricas. Diante disso, discutir uma educação antirracista e as relações étnico-raciais no ambiente escolar exige mudanças na forma de pensar e ensinar, possibilitando que diferentes identidades e saberes sejam reconhecidos em um ambiente multicultural, e não apenas a inclusão de novos conteúdos, como explica Nilma Lino Gomes (2012):

> O ato de falar sobre algum assunto ou tema na escola não é uma via de mão única. Ele implica respostas do "outro", interpretações diferentes e confrontos de idéias. A introdução da Lei nº 10.639/03 – não como mais disciplinas e novos conteúdos, mas como uma mudança cultural e política no campo curricular e epistemológico – poderá romper com o silêncio e desvelar esse e outros rituais pedagógicos a favor da discriminação racial. (Gomes, 2012, p. 105)

A Lei nº 10.639/2003, resultado da luta da população negra contra o apagamento histórico, representa um marco importante ao tornar obrigatório o ensino de conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Sua importância não está apenas na inclusão de novos conteúdos no currículo, mas também na

ISSN: 2358-8829

possibilidade de repensar as práticas educativas e a forma como as relações étnico-raciais são trabalhadas e reconhecidas no espaço escolar.

Nilma Lino Gomes (2012), ao refletir sobre a educação antirracista em sua obra "Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos", argumenta que a implementação da Lei nº 10.639/2003 representa uma oportunidade de promover mudanças:

> O trato da questão racial no currículo[...] só poderá ser considerado como um dos passos no processo de ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira se esses não forem confundidos com "novos conteúdos escolares a serem inseridos" ou como mais uma disciplina. Trata-se, na realidade, de uma mudança estrutural, conceitual, epistemológica e política. (Gomes, 2012, p. 106)

Nesse sentido, promover a descolonização dos currículos exige questionar visões de mundo que historicamente privilegiaram determinados conhecimentos em relação a outros. Isso significa reconhecer a diversidade de saberes presentes na sociedade e compreender que não existe uma hierarquia natural entre as diferentes culturas. Esse processo busca construir práticas pedagógicas que deem espaço a experiências e identidades que foram frequentemente marginalizadas pela educação tradicional.

Na obra "O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas", Gomes (2021) reforça a necessidade de construir ações pedagógicas comprometidas com a justiça racial. A autora defende que a escola assuma uma postura ativa diante das desigualdades, desenvolvendo ações que promovam reflexões críticas sobre o racismo e questionem modelos de ensino baseados principalmente em referências eurocêntricas. Assim, a simples inclusão de novos temas no currículo não é suficiente para promover uma educação antirracista.

Problematizar o racismo na escola implica promover um diálogo intercultural e emancipatório, reconhecendo a população negra como sujeito ativo. Dessa forma, suas experiências e seus saberes devem participar da construção das práticas e dos projetos desenvolvidos na escola. A visão hierarquizada que historicamente desvalorizou e silenciou a cultura negra no ensino precisa ser questionada e superada.

Seguindo essa perspectiva, no livro organizado por Munanga (2005), "Superando o racismo na escola", Ana Célia da Silva (2005), no capítulo "A

ISSN: 2358-8829

discriminação do negro no livro didático", destaca a importância de práticas pedagógicas voltadas ao combate da invisibilidade e dos estereótipos presentes no cotidiano escolar. A autora argumenta que o enfrentamento ao racismo exige ações que valorizem a identidade negra na escola. Silva (2005) chama atenção para atividades que trabalham a estética negra, os cabelos crespos, os penteados afro e os saberes das trançadeiras, compreendendo essas experiências como formas de fortalecer a autoestima e o reconhecimento dos estudantes negros:

> Trabalhar a razão de ser dos diferentes tipos de cabelo, ensinar como tratá-los, realizar concursos de penteados afros, trazer trançadeiras para trançar na sala de aula, são algumas atividades que podem desconstruir a negatividade atribuída à textura dos cabelos crespos. (Silva, 2005, p. 28).

Essas iniciativas também são reforçadas pelas reflexões de Nilma Lino Gomes (2003), que define o papel da discussão sobre a cultura negra na educação como um ato de "ressignificar e construir representações positivas sobre o negro, sua história, sua cultura, sua corporeidade e sua estética" (Gomes, 2003, p. 81). A valorização dos cabelos crespos, dos penteados afro e dos saberes relacionados a essas práticas pode contribuir para reconhecer sua dimensão cultural e identitária, além de ajudar a superar representações negativas e promover o "resgate da identidade, auto-estima, cidadania e integração das diferenças" (Silva, 2005, p. 33).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Valorização da estética negra e os desafios da autoidentificação racial

A primeira categoria foi construída a partir das observações realizadas durante a organização do Desfile da Beleza Negra. Um dos resultados que chamou a atenção durante a inscrição dos estudantes foi a dificuldade de alguns deles em se autoidentificarem racialmente. Esse momento mostrou que, antes mesmo da realização do desfile, existia uma questão importante a ser discutida: a relação dos próprios estudantes com sua identidade racial.

Essa dificuldade pode ser compreendida considerando que a identidade racial não é formada apenas pelas características físicas, mas também pelas experiências

ISSN: 2358-8829

sociais, culturais e históricas vivenciadas por cada pessoa. Em uma sociedade marcada pelo racismo, se reconhecer como negro pode ser um processo difícil, principalmente quando características relacionadas à população negra foram, historicamente, consideradas feias e negativas.

A autora Ana Célia da Silva (2005) chama atenção para a presença de representações negativas da população negra e para os efeitos que os estereótipos raciais podem produzir na construção da autoestima e da identidade. Dessa forma, a dificuldade observada no momento da inscrição não deve ser entendida como uma simples dúvida dos estudantes, mas como um elemento que revela a influência dos padrões sociais de classificação e valorização racial.

A partir dessa situação, o Desfile da Beleza Negra ganhou um significado ainda mais importante. A atividade não se limitou a apresentar diferentes formas de beleza, mas criou um espaço para discutir identidade, pertencimento e valorização da população negra dentro da escola.

Para Nilma Lino Gomes (2003), o corpo e o cabelo possuem significados sociais e culturais e participam da construção da identidade negra. Assim, colocar a estética negra em evidência no espaço escolar pode contribuir para questionar padrões de beleza construídos socialmente e ampliar as possibilidades de reconhecimento e valorização da identidade negra.

A dificuldade de autoidentificação observada durante as inscrições também se tornou um dado importante da experiência pedagógica. Ela revelou a necessidade de a escola criar espaços permanentes para discutir raça, identidade e pertencimento, para que os estudantes possam refletir sobre essas questões de maneira crítica e respeitosa.

O desfile, portanto, pode ser visto como mais que uma atividade de valorização estética, mas também como uma prática educativa que permitiu que a identidade negra fosse colocada em discussão. Ao ocupar um espaço de destaque na escola, os estudantes puderam apresentar sua beleza e sua identidade, contribuindo para a construção de representações mais positivas sobre a população negra.

2. Tranças, ancestralidade e identidade

A segunda categoria foi construída a partir do relato de experiência de uma estudante trancista. Durante a atividade, a estudante compartilhou seus conhecimentos e

experiências relacionadas ao trabalho com tranças. O que possibilitou uma aproximação entre um conhecimento presente no cotidiano e o espaço escolar.

A atividade permitiu discutir as tranças para além da ideia de um simples penteado. Elas foram apresentadas em sua relação com a cultura, a identidade e a história da população negra, fazendo com que um conhecimento que muitas vezes é tratado apenas como estética fosse considerado também como uma forma de expressão cultural.

Nilma Lino Gomes (2003) destaca que o cabelo possui importância na construção da identidade negra e pode carregar memórias, significados e formas de expressão. Por essa perspectiva, falar sobre as tranças dentro da escola significa também abrir espaço para discutir a história e a cultura da população negra.

A fala da estudante trancista também possibilitou aproximar o conhecimento escolar das experiências vividas pelos próprios estudantes. Essa aproximação é importante porque mostra que o conhecimento não está presente apenas nos livros ou nas disciplinas escolares. Os saberes produzidos nas comunidades e nas experiências cotidianas são de fundamental importância para a aprendizagem.

Ana Célia da Silva (2005) destaca a importância de valorizar os cabelos crespos e os conhecimentos relacionados à estética negra para combater as representações negativas construídas historicamente sobre a população negra.

A partir do que foi observado pode-se perceber que trazer a experiência da trancista para dentro da escola contribuiu para valorizar um conhecimento relacionado à cultura negra e abriu mais uma possibilidade para abordar temas como identidade, ancestralidade e respeito às diferenças.

3. O rap e o *slam* como formas de expressão e resistência

A terceira categoria foi construída a partir da participação de um grupo de rap convidado para o evento. O grupo, que possui experiência em competições e já conquistou diversos prêmios em batalhas, mostrou aos estudantes como funcionam as batalhas de *slam*, explicando suas características, regras e formas de participação. A atividade aproximou os estudantes de uma manifestação cultural presente principalmente nos espaços urbanos e mostrou que a música e a poesia também podem ser utilizadas como formas de expressão e reflexão sobre a realidade social.

ISSN: 2358-8829

Durante a apresentação, o grupo também compartilhou suas experiências e falou sobre as dificuldades para encontrar espaços onde as batalhas possam ser realizadas. Esse relato permitiu aos estudantes perceber que, além de serem manifestações artísticas, as batalhas de rap e *slam* também enfrentam dificuldades para ocupar espaços públicos e culturais. Dessa forma, a atividade possibilitou discutir questões relacionadas ao acesso à cultura, à ocupação dos espaços e às oportunidades oferecidas aos jovens.

A presença do grupo na escola também mostrou a importância de aproximar os estudantes de manifestações culturais que fazem parte de diferentes experiências juvenis. O contato com artistas, que embora jovens, já possuem uma trajetória nas batalhas permitiu que os estudantes conhecessem melhor essa forma de expressão e compreendessem que ela envolve dedicação, criatividade, conhecimento e participação coletiva.

A atividade pode ser relacionada às discussões de Nilma Lino Gomes (2012) sobre a importância de ampliar as formas de abordar as relações raciais na escola. Para a autora, a Lei 10.639/2003 não deve significar apenas a inclusão de conteúdos sobre a população negra, mas também uma mudança nas práticas escolares e na maneira de discutir as questões raciais.

O rap e o *slam* podem contribuir para ampliar os espaços de fala dos estudantes e aproximar o debate escolar de manifestações culturais presentes na sociedade. A utilização dessas linguagens também dialoga com Kabengele Munanga (2005), que destaca a importância de utilizar diferentes formas de expressão para trabalhar o preconceito e as relações raciais.

A experiência realizada na Escola Reitor Edvaldo do Ó mostrou que trazer um grupo com experiência nas batalhas para dentro da escola possibilitou não apenas apresentar aos estudantes uma manifestação artística, mas também compartilhar experiências sobre a trajetória desses artistas e as dificuldades encontradas para desenvolver suas atividades. O rap e o *slam* foram apresentados como formas de expressão cultural, participação e ocupação de espaços, ampliando as possibilidades de diálogo entre a escola e as experiências culturais dos jovens.

4. Sistematização dos achados empíricos e limitações da experiência

ISSN: 2358-8829

A análise das atividades realizadas no Dia da Consciência Negra permitiu organizar os resultados em três categorias principais: valorização da estética negra; tranças, ancestralidade e identidade; e rap e *slam* como formas de expressão e participação cultural. Essas categorias foram construídas a partir das observações realizadas durante a atividade, dos registros produzidos pelas pibidianas e dos materiais relacionados à intervenção pedagógica.

Na primeira categoria, relacionada à estética negra, um dos aspectos que mais chamou a atenção foi a dificuldade de alguns estudantes em se autoidentificarem racialmente no momento da candidatura para o Desfile da Beleza Negra. Esse dado revelou que a discussão sobre identidade racial ainda apresenta desafios no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, o desfile criou um espaço de valorização da aparência e da identidade negra, possibilitando que os estudantes apresentassem diferentes formas de beleza e ocupassem um lugar de destaque dentro da escola.

Na segunda categoria, relacionada às tranças e à ancestralidade, o relato da estudante trancista possibilitou aproximar os conhecimentos presentes no cotidiano dos estudantes do espaço escolar. A experiência mostrou que as tranças podem ser discutidas não apenas como uma forma de cuidar ou arrumar o cabelo, mas também como parte da cultura, da identidade e da história da população negra.

Na terceira categoria, relacionada ao rap e ao *slam*, a participação de um grupo convidado possibilitou aos estudantes conhecerem como funcionam as batalhas de *slam*. O grupo, que possui experiência e já conquistou diversas competições, compartilhou sua trajetória e também falou sobre as dificuldades encontradas para conseguir locais onde as batalhas possam ser realizadas. A atividade permitiu aproximar os estudantes de uma manifestação cultural juvenil e discutir questões relacionadas à expressão artística, à ocupação dos espaços e ao acesso à cultura.

De forma geral, os resultados mostram que diferentes linguagens podem contribuir para trabalhar as relações raciais na escola. O desfile, as tranças e o rap/*slam* possibilitaram abordar a questão racial a partir de experiências próximas dos estudantes, criando diferentes formas de participação e diálogo.

Ainda assim, a experiência apresentou algumas limitações. A primeira está relacionada ao tempo, pois a intervenção foi realizada em torno de uma data específica. Isso mostra a necessidade de que as discussões sobre racismo, identidade e cultura

ISSN: 2358-8829

afro-brasileira aconteçam durante todo o ano letivo, evitando que esses assuntos sejam tratados somente em novembro.

Outra limitação está relacionada ao local da pesquisa, pois a experiência foi realizada em uma única escola pública estadual de Campina Grande – PB. Dessa forma, os resultados apresentados dizem respeito à realidade da Escola Reitor Edvaldo do Ó e não podem ser generalizados para todas as escolas de Ensino Médio.

Também é necessário considerar o caráter qualitativo da pesquisa. Os resultados foram construídos a partir da observação e dos registros da experiência, buscando compreender os acontecimentos e seus significados no contexto específico da escola. Assim, a pesquisa não pretende apresentar resultados estatísticos, mas contribuir para a compreensão das possibilidades e dos desafios de desenvolver práticas de educação antirracista no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Reitor Edvaldo do Ó demonstrou a importância de criar espaços de discussão sobre identidade, cultura afro-brasileira e racismo no Ensino Médio. As atividades realizadas pelo Dia da Consciência Negra possibilitaram trabalhar essas questões por meio de diferentes linguagens e experiências, aproximando o debate escolar da realidade dos estudantes.

Os resultados mostram que atividades como o Desfile da Beleza Negra, o relato da trancista e a participação do grupo de rap e *slam* podem contribuir para uma educação antirracista, principalmente quando permitem que os estudantes tenham contato com diferentes formas de expressão e conhecimento. A dificuldade de autoidentificação racial observada durante as candidaturas para o desfile também mostrou que a discussão sobre identidade negra precisa ser trabalhada de maneira mais constante no ambiente escolar.

A experiência também foi importante para a formação dos estudantes envolvidos no PIBID, pois possibilitou aproximar os conhecimentos discutidos na universidade da realidade da escola. O contato com os estudantes e com diferentes manifestações culturais permitiu compreender que o trabalho docente envolve não apenas a

transmissão de conteúdos, mas também a criação de espaços de diálogo, participação e reflexão sobre problemas presentes na sociedade.

Portanto, o Dia da Consciência Negra pode e deve ser utilizado como uma oportunidade para iniciar ou fortalecer discussões sobre as relações raciais, mas essas discussões não devem ficar restritas a uma única data. A construção de uma educação antirracista exige ações contínuas, capazes de valorizar a história, a cultura e a identidade da população negra e, ao mesmo tempo, enfrentar situações de preconceito e discriminação presentes no cotidiano escolar.

Como contribuição para a comunidade escolar, a experiência evidencia que práticas pedagógicas que articulam arte, música, estética, relatos de experiências e outras manifestações culturais ampliam as possibilidades de abordar as relações raciais e aproximam a escola dos saberes e vivências da comunidade. Nesse sentido, reforça-se a importância de desenvolver práticas antirracistas de forma contínua, para além do 20 de novembro como data comemorativa. A experiência também aponta para a necessidade de novas pesquisas que acompanhem, em diferentes contextos escolares e por períodos mais longos, ações voltadas à identidade racial, à cultura afro-brasileira e ao enfrentamento do racismo, buscando compreender seus impactos na percepção dos estudantes e nas práticas pedagógicas. Assim, a educação antirracista deve integrar o cotidiano escolar, fortalecendo o respeito, a valorização da diversidade e o enfrentamento às diferentes formas de racismo.

Palavras-chave: Educação antirracista; Relações étnico-raciais; Identidade negra; Cultura afro-brasileira; Práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, maio/ago. 2003.

GOMES, N. L. **O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

ISSN: 2358-8829

MUNANGA, K. Apresentação. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 15-20.

SILVA, A. C. da. A discriminação do negro no livro didático. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37.